

PLURALISMO, EDUCAÇÃO E ARQUITETURA

Tereza Cristina Malveira de Araujo¹

Angela Maria Gabriella Rossi²

José Ripper Kós³

¹ Departamento de Planejamento da Arquitetura
malveira@terra.com.br

² Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – PROARQ
gabriella.rossi@ufrj.br

³ Programa de Pós-Graduação em Urbanismo – PROURB
josekos@ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Av. Brigadeiro Trompowsky s/n – Cidade Universitária,
Rio de Janeiro, RJ, 21941.590, Brasil

Abstract

The Virtual Design Studios use the Internet as a communication environment to the development of architectural designs between students from different institutions. During the design development, the students face different cultures through the contact with students and teachers from another regions or countries. In this article, we will be discussing about cultural pluralism as a fundamental element to the success of all academic interchange.

Mal havendo cruzado o portal do século XXI, deparamo-nos com um presente que se mostra repleto de manifestações de intolerância e rancor e que não aponta, ao menos a curto prazo, a um futuro promissor. Na contramão dos mais recentes avanços tecnológicos, que permitem a troca de dados através de um mundo virtual livre de barreiras, percebe-se o fechamento de fronteiras físicas. Se por um lado, alguns países buscam uma união baseados na igualdade étnica, religiosa, cultural e econômica, por outro, ocorre um arrefecimento para com os excluídos, os não identificados, aqueles a quem denominamos “estrangeiros”.

Serra [1] inclui a outros tipos na palavra estrangeiro, como os índios, os pobres e os homossexuais, alertando para a dificuldade de se transformar a dicotomia “eu/outro” em “nós”, sem cair em homogeneização cultural. Ela não vê a questão do estrangeiro na sala de aula como negativa, muito pelo contrário, e cita ainda o uso de tecnologias “estrangeiras” ao fazer pedagógico, como as tecnologias da informação e o cinema, como importantes instrumentos de educação.

O professor também é visto por Frigerio como um estrangeiro para seus alunos, bem como seus alunos para com ele, segundo sua compreensão,

“para o educador não haveria outra forma que a prática da escuta, ou seja, não haveria outro modo que oferecer, distribuir e assegurar espaços de palavras”. Ela entende a educação “como um movimento de estrangeirismo, de transformar o desconhecido em familiar e de encontrar no familiar o enigma que persevera e mobiliza”. [2]

Educação implica conhecimento e conhecimento implica aprender o que antes não se conhecia. A educação, e o conheci-

mento por assim dizer, acredita-se ser o meio pelo qual passa a apreensão das diferenças, o primeiro passo para a sua aceitação. Reconhecer as diferenças do outro é também reconhecer-se diferente para o outro. A educação e por conseguinte, os educadores, têm uma dívida para com seus alunos; mostrar-lhes o caminho da aceitação, da compreensão e do entendimento é um dever da qual não podemos nos abster.

Nos primórdios da Internet, professores de diversas instituições de ensino se uniram em torno de uma experiência inédita, a montagem de um ateliê virtual, onde estudantes de arquitetura desenvolveriam um projeto com colegas remotos. A experiência pioneira entre as escolas de arquitetura, coordenada pelo Prof. Wojtowicz [3] da Universidade de British Columbia, ocorreu em 1993. Denominada como *Virtual Design Studio*, seus resultados foram considerados tão positivos, que levou a sua reedição nos anos seguintes com diferentes instituições, servindo de exemplo e exportando *know how* para outros países.

As tecnologias da informação e da comunicação, quando incorporadas às atividades curriculares das instituições de ensino, têm proporcionado o intercâmbio virtual de grupos multiculturais, outorgando aos alunos o convívio com colegas distantes geograficamente, compartilhando suas dúvidas e suas certezas. Fomentar o contato entre estudantes de diferentes culturas, credos e costumes, lhes permite descobrir diversos pontos de identidade com o “outro”.

A educação é seguramente o mecanismo mais eficaz na busca do conhecimento mútuo e da identificação das semelhanças com o próximo, principalmente no momento atual em que vivemos, onde as diferenças tem sido tão amplamente difundidas na mídia e infelizmente de forma tão negativa. Não se pode negar a

existência das diferenças, muito pelo contrário, elas existem e devem ser respeitadas, pois é inegável que a pluralidade cultural do homem é justamente nossa maior riqueza.

A educação tem se mostrado como um dos meios que o homem dispõe para promover o contato com as diferenças; a aceitação do outro, de sua cultura, de sua religião e de sua identidade, é certamente o caminho mais curto para o entendimento. Incorporar esta questão à discussão diária das salas de aulas e ateliês de projeto, acredita-se ser uma forma positiva e persistente de promover a tolerância.

Referências

1. Serra, Silvia. Extranjeros, propios y ajenos en el hacer pedagógico. em: Frigerio, Graciela, et.al. Educación y Alteridad: Las figuras del extranjero. Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, Buenos Aires, 2003.
2. Frigerio, G., Las figuras del extranjero y algunas de sus resonancias. em: FRIGERIO, Graciela, et.al. Educación y Alteridad: Las figuras del extranjero. Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, Buenos Aires, 2003.
3. Wojtowicz, J. (ed.), Virtual Design Studio, Hong Kong University Press, Hong Kong, 1995.